

3
EXPLORAÇÃO

DO

RIO YAMUNDÁ

RELATORIO

APRESENTADO

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conselheiro
Dr. José Fernandes da Costa Pereira Junior,
Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Agricultura,
Commercio e Obras Publicas.

POR

João Barbosa Rodrigues

Em commissão pelo mesmo Ministerio.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA NACIONAL

1875

Emfim á actual villa, póde-se applicar o verso do poeta latino.

Campus ubi Troya fuit.

Depois do rapido esboço que fiz do estado da villa, direi tambem alguma cousa sobre o seu historico.

Habitado foi outr'ora o Yamundá por quatro tribus de indios, que com os esforços dos missionarios capuchos da Piedade, se aldeiaram no lugar hoje denominado *Táuaquera*, pelos naturaes. Eram ellas as dos Cunurys, Cheréuas, Paracoianã e Paracuatá, ás quaes se reuniram depois a dos Uabóys, cujo chefe chamava-se Yamundá, vinda do rio Trombetas. Habitaram esse lugar por muito tempo e depois se transferiram para o lugar em que hoje é a villa, que se denominava aldeia dos Uabóys ou dos Yamundás e que a tradição não nos diz em que época. Estiveram essas nações alliadas, porém, depois opprimidos pelo jugo do governo portuguez, separaram-se e se retiraram: umas para o alto Yamundá, outras para o Trombetas. Ainda em 1840 vinham os Uabóys do alto da serra do Ajurná, ver as festas que se faziam na villa.

Não eram comtudo essas tribus contemporaneas da da que habitou a fóz e baixo Yamundá, impropriamente denominada das Amazonas, porque nenhuma dellas se lembravam das mesmas, nem por tradição. Corria sómente entre ellas, como que uma lenda, toda fabulosa que pelos raros descendentes que hoje existem chegou até nós. De uma velha, filha de um Paracoianã e de uma Cheréua, ouvi na lingua geral a mesma lenda. Chama-se Felicia, terá 90 annos de idade e ainda habita a villa de Faro. Desse conto tratarei, fallando das Amazonas.

Prosperando a aldeia, o governador capitão general Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em 1758 elevou a aldeia a categoria de villa, com o nome de Faro; nome que logo usou, sem comtudo ter prerogativas de villa, que só 10 annos depois póde gozar. Teve lugar a

Historia

solemnidade da inauguração em 21 de Dezembro de 1768, vindo para esse fim mandado o Dr. ouvidor geral e corregedor da comarca José Feijó de Mello e Albuquerque, que logo tratou de reunir a *nobreza e povo* do lugar, a fim de se eleger os membros do senado da camara que deviam assistir ao acto da inauguração e servir no triennio de 1769 a 1771. Com effeito, eleitos os vereadores, passou-se logo na presença do mesmo ouvidor, vereadores e mais nobreza e povo, ao levantamento do pelourinho na praça publica « aclamando-se por tres vezes : « Viva el-rei nosso senhor D. José I. » Deste acto lavrou o escrivão Antonio Mendes Pinheiro, para constar « aos presentes e vindouros » um termo, em que quasi todos assignaram de cruz. (1) Era então vigario e missionario Frei Francisco Magdalena.

Depois desse acto reunindo-se os vereadores fizeram as primeiras posturas; que, entre outras disposições uteis á mesma villa haviam estas: « Ninguem fará casas senão segundo o risco deixado pelo intendente geral Luiz Gomes de Faria e Souza, tendo cada casa fundos para quintaes, em que são obrigados a plantar pacoveiras,

(1) Termo de levantamento do pelourinho:—Aos vinte sete dias do mez de Dezembro de mil setecentos sesenta e oito annos em a praça desta povoação chamada de Faro, sendo presente o doutor ouvidor e corregedor da comarca José Feijó de Mello e Albuquerque que ahi por ordem do Illm. e Exm. Sr. Fernando da Costa de Athayde Teive, governador e capitão geral do Estado mandou levantar o pelourinho no meio da praça publica da dita villa aonde com effeito se levantou aclamando-se por tres vezes pela nobreza e povo: Viva el-rei nosso senhor, o Sr. D. José I. E sendo nesta fôrma levantado se ficou denominando esta villa com o seu nome antigo que tinha de villa de Faro e para o todo tempo constar tanto aos presentes como aos vindouros mandou o dito ministro fazer este termo em que assignou com a mais nobreza e povo da mesma e pessoas que se achavam presentes e eu Antonio Mendes Pinheiro que o escrevi (assignados) José Feijó de Mello e Albuquerque, Frei Francisco Magdalena, o sargento mór e principal Amaro Pereira da Silva, do capitão Simão Lopes, José Joaquim, Bernardo de Souza, do indio Bernardo Pereira, do indio Xavier de Matos, do indio Domingos Valerio, do indio Roque Monteiro, do indio Joaquim Vieira, do indio Damião Francisco, do indio Simão Marinho, do indio Leandro Pimentel, do indio Camillo Marinho, do rapaz André, do rapaz Valentim, do rapaz Salvador, do rapaz Lourenço, do rapaz Onofre, do porteiro o indio José Pereira.

mamoeiros, laranjeiras, limoeiros e mais frutas para abundancia dos moradores.

« As casas serão cobertas de telhas, feitas na olaria da villa. »

O ouvidor tambem pelo seu proprio punho, no livro em que se lavrou o termo, deixou ordenado, que annualmente fizessem tres procissões, a saber: a de Corpo de Deus, a da visitação de Santa Isabel e a do Anjo Custodio do reino. Ordenando mais que « por ordem expressa de el-rei nosso senhor, no dia 3 de Novembro, se faria a festa de Nossa Senhora do Patrocinio, a que assistiria o senado da camara, em acção de graças á mesma Mãe Santissima, por livrar a sacratissima real familia do infausto e memoravel terremoto do anno de 1755 » (1).

Trinta annos depois, tendo cahido de podre o pelourinho, ordenou o juiz corregedor Tavares, em correição, no dia 10 de Novembro de 1800, « que sem demora se mandasse levantar outro, sendo a despeza preferivel a outra qualquer. » (2) Com effeito, no dia 15 de Março de 1801, foi erguido com toda « a solemnidade que pedia o mesmo » o segundo pelourinho, mandado fazer pelo juiz ordinario, que até hoje dura.

Depois dessa época fugiram os indios.

Pela rebelião que appareceu na provincia no anno de 1835, de triste recordação, a villa de Faro, foi victima tambem do furor dos inimigos da lei. Tendo as camaras das villas dos Tapajós, Pauxiz, Tupimnambaranas e Manãos reconhecido a autoridade do presidente intruso Eduardo F. N. Angelim, em sessão extraordinaria de 27 de Março de 1836, tambem o reconheceu como unica autoridade, emquanto elle não entregasse o poder ao presidente legal, como dizia no manifesto que espalhara pela provincia. Isto se fez publico por editaes em 2 de

(1) Lavrado a fls. 6 e 7 do livro que serviu no senado da camara de Faro no anno de 1768.

(2) Está lavrado a paginas 71 do mesmo livro.

cucurbitaceas, mostram ahi a flora que mais communmente orna as margens do grande rio.

Quatorze milhas acima da fóz, apresenta-se na margem direita o lago *Muryuacá*; (1) que pela enchente se communica com o rio, por uma pequena abertura, por onde entram as aguas do mesmo. Tem mais de uma legua de comprimento, sendo quasi todo este espaço coberto de capim, o que faz parecer uma extensa campina. Passando este lago, o rio em pequenos torcicollos, continúa a correr mais ou menos parallelo ao Amazonas, isto é, seguindo sempre o rumo de O S O (subindo) até chegar á fóz do *Caldeirão*.

Tem este nome um canal do Amazonas, que entra de frente das ilhas do *Caldeirão*, no mesmo rio e depois de caminhar por espaço de 9 milhas, em diversos rumos, seguindo o geral de N E $1/2$ NN E entra no *Yamundá* a 5 milhas do lago *Muryuacá*, trazendo por uma bocca de 250 metros de largura, um forte contingente de aguas; que na enchente leva de vencida o *Yamundá* e de verão é reprezado por este, formando na união dos dous um grande remanso.

Parando ahi, sondei o rio, o canal, examinei as correntes, a temperatura d'agua e penetrando pelo *Caldeirão* notei que por elle o *Yamundá* entrava, pondo um paradedeiro ás suas aguas, formando um remanso que se estendia a quasi um quarto de milha onde então via-se a fusão das aguas. Duas e meia milhas tinha de corrente o *Yamundá*, emquanto o *Caldeirão* dava menos de meia milha, na parte da margem direita, onde já confusas deixava sahir as suas aguas levadas pelas do *Yamundá*. Se bem que, diminuta seja a porção d'agua, que agora por elle se escôa, contudo influe um pouco nas do rio, tornando-as de um preto-bituminoso. Passando a bocca do *Caldeirão* que ahi se lança no rumo N emquanto o rio traz o de ENE segui o rio que então passa d'ahi a ter o nome de

(1) *Mury*, uma graminea que cresce nos lugares alagados, *euacá* que significa muito.

Caquinho, (1) se bem que não mudasse nem de largura, nem de profundidade (16 metros). A corrente ahi é de 2 1/2 milhas inglezas por hora, como na parte do Bom Jardim, abaixo da bocca do Caldeirão, porém as aguas tornam-se olhadas em massas negras e n'um copo, claras, transparentes e com um tom amarelento. Formando um grande cotovelo, tem o Caquinho 2 milhas de extensão, da bocca do Caldeirão ao Repartimento. Deram os naturaes esse nome, ao ponto em que o rio Yamundá, que então vem com o nome de rio de Faro, se divide em dous braços; um, que se dirige para o N, mal denominado igarapé do Sapucúá e que se lança no Trombetas; outro que se dirige para O, com o nome de Caquinho e depois da passagem da bocca do Caldeirão, com o do Bom Jardim, como já fiz ver. Pouco antes deste repartimento, o rio que, se bem traga o rumo geral desde o lago de Faro de ENE, ahi uma das voltas se dirige para o N.

Uma grave questão geographica apresenta aqui o rio, devida á falta de estudos e dos effeitos das enchentes do Amazonas. Como disse, quando tratei do rio Trombetas, todo o terreno das margens do improprio igarapé do Sapucúá, é de formação moderna e de alluvião amazonica, assim como tambem fiz ver que a mesma natureza tem o do Bom Jardim, por conseguinte ambos os braços do rio atravessam um terreno da mesma época e formação, não havendo motivos para preferir-se este ou aquelle braço para fóz principal do rio, visto como não ha differença na largura nem na profundidade de ambos. As direcções geographicas são quasi as mesmas, um dirige-se do Repartimento para NE, outro para ENE. As antigas cartas geographicas, sempre deram a foz de Yamundá no Amazonas, e mesmo os antigos viajantes sempre fizeram desaguar o Cunurys, no mesmo rio.

(1) Este nome veiu de appellido de um portuguez, que ahi, não ha muitos annos teve um sitio, que era conhecido por sitio do Caquinho.

Diferença porém havia nas posições astronomicas, e no numero de braços com que se lançava no Amazonas. Diz o padre Dr. Monteiro de Noronha, no seu *Roteiro*, escripto em 1768, trabalho feito depois de muitos annos de pratica em viagens, pela diocese como vigario geral, a paginas 26: « Da bocca inferior do rio Yamundá se deve procurar outra vez a margem austral do rio Amazonas, para fugir do Caldeirão, que fica junto á bocca superior. » Desta forte corrente, (Caldeirão) o que Noronha e outros tinham por foz superior do Yamundá, tomou esse braço do Amazonas o nome. Vê-se. deste parographo do *Roteiro*, que então se considerava o Yamundá, como tributario do Amazonas, tendo porém duas boccas. Monteiro Baena, que até hoje ainda não teve quem lhe levasse a palma, no estudo corographico da provincia, diz a paginas 483 do seu *Ensaio*, que: « tem duas boccas das quaes a inferior dista seis leguas do rio Trombetas e a superior 14 da inferior » Nota-se ainda, que sempre foi tomado o Igarapé do Bom Jardim como bocca inferior e o canal do Caldeirão, como a superior.

Na carta do rio Amazonas, da penultima commissão de limites, apparece a fóz do rio de que trato, duas milhas acima da entrada do Caldeirão, julgo que por engano.

Apezar de particular e oficialmente saber-se que o Yamundá era tributario do Amazonas, no relatorio citado do Sr. Ferreira Penna, levanta o mesmo senhor uma questão importante para a geographia do Amazonas e que levou-me a estudal-a, não concordando com a sua opinião, como já disse pelas razões que aqui darei. A paginas 32 do mesmo trabalho lê-se o seguinte: « Aqui está não o repartimento das aguas, como se devia deduzir do nome do lugar ; mas sim a junção das do Paranamirim do Amazonas que entra de E com as do Yamundá que vem do S. »

Por este parographo vê-se que o mesmo senhor não só não admite que o Yamundá desça por este Paranami-

rim, como toma a porção do rio denominada Cáquinho pelo mesmo Caldeirão. A paginas 45 ainda diz: « E' deste Repartimento, cuja significação contraria ao nome já ficou determinada, que se deixa o Yamundá quando se quer ir ao Amazonas. E' necessario então ter os remeiros descansados ou bem dispostos, a fim de poderem vencer a impetuosa correnteza do Paranámirim, a qual todavia, em pleno verão, não oppõe muita resistencia á embarcação. »

Destes periodos conclue-se que annualmente o Amazonas ahi desagua, descendo junto com o Yamundá pelo Igarapé do Sapucúá até « perder-se no Trombetas » o que não é exacto. A paginas 180 diz o mesmo senhor: « Placido, largo e ainda crystallino, o Yamundá, recebendo este contingente do Amazonas, muda totalmente de physionomia; seu leito estreita-se e profunda-se muito; a marcha é arrebatada, suas aguas tomam uma côr amarello-olivatico, perdendo logo a sua transparencia. Daqui em diante até perder-se no Trombetas, etc. » Que o Igarapé do Sapucúá é um braço do Yamundá, não ha que duvidar, mas que seja a sua fôz principal, não.

Passo a explicar o que trouxe esta duvida, e o que levou o meu amigo, Sr. Penna, a pretender tornar o Yamundá tributario sómente do rio Trombetas. Esta opinião não teria, se tivesse descido do Repartimento, no tempo da vazante, porque então, em vez de lutar com a *impetuosa corrente* do Amazonas ahi no Paranámirim, desceria á mercê das aguas, levado por 2 1/2 milhas de corrente. O Sr. Penna, descendo o Amazonas, lutou com a corrente deste; eu, subindo pelo mesmo caminho, tambem lutei com a mesma corrente; então o Amazonas invadiu o Yamundá, agora este repellia aquelle. Houve differença; em épocas um desceu na enchente, outro subiu na vazante.

O Yamundá, como o Urubú, como o Uatumá, Trombetas e como todos os tributarios do Amazonas de segunda ordem, soffrem annualmente os grandes effeitos

da cheia deste. A diminuição que tem soffrido o volume das aguas amazonicas, desde épocas immemoriaes, preparou-lhes nas fozes um terreno que mudou-lhes o curso e deu lugar á formação de bacias impropriamente chamadas lagos. Este terreno é sempre baixo, em alguns lugares alagadiço, cortado de furos e de lagos, coberto da mesma vegetação do Amazonas, e sempre soffre mais ou menos os effeitos das enchentes. A zona de terrenos comprehendidos entre a villa de Faro na direcção de NE até a fóz do Sapucúá, no Trombetas, limitada pelo Amazonas é toda de alluvião amazonica, por isso, só nessa região é que se encontra a grande rêde de lagos, furos, etc., que existe. Todos estes terrenos, quando o Amazonas enche, ficam quasi que submergidos, sendo raro haver grandes extensões que fiquem a secco, dando occasião a formarem-se os ditos lagos. A força das aguas então é grande; a impetuosidade dellas leva tudo ante si: barrancas, cacaoes, sitios, etc.; e se córta e impede a sahida das aguas dos seus grandes affluentes, como Purús, Rio Negro e outros, que, achando uma barreira na fóz, refluem e alagam as suas margens, como não paralyzar a corrente dos que tem as fozes em terrenos amazonicos? E' nessa época, isto é, nos mezes de Novembro e Dezembro a Abril ou Maio, que o Amazonas, invadindo as suas terras, leva ante si os rios que cavaram leito por ellas e os représa, fazendo com que elles se espraíem no seu interior e cresçam a grandes alturas. E' o facto que dá-se no rio em questão. A' medida que cresce a cheia no Amazonas vai represando as aguas do Yamundá então diminutas e fracas, na fóz do Bom Jardim, levando-as ante si até ao Caldeirão, onde, reunido o Amazonas por esses dous lados, toma uma grande velocidade, entra pelo Caquinho e sáhe pelo Sapucúá, represando ahi o rio que então reflue, estravasando as margens e indo formar uma quantidade de lagos quasi todos communicaveis uns com os outros. Dura esta scena até Abril ou Maio, mezes que, conforme a maior ou menor cheia, começa



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



**Secretaria de
Estado de Cultura**



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**